

MECANISMOS DE CONSTRUÇÃO DE GÉNERO NA INCLUSÃO E PARTICIPAÇÃO DIGITAL: O CASO DO TELEMÓVEL

CARLA GANITO

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Resumo

Este artigo visa contribuir para um melhor entendimento da forma como as novas tecnologias digitais e pessoais, como o telemóvel, estão a mudar a relação que as mulheres estabelecem com a tecnologia. A mobilidade tornou-se o contexto de vida e, dessa forma, temos que compreender as questões de género em articulação com a mobilidade. O telemóvel é uma tecnologia particularmente interessante para analisar do ponto de vista dos estudos de género porque, ao contrário de outras como o computador ou a internet, tem sido adoptado quase equitativamente por homens e mulheres. No entanto, igualdade de acesso não é igualdade de uso ou igualdade de inclusão. Os números das taxas de adopção de homens e mulheres são similares mas as diferenças existem nos usos e nos contextos. Recorrendo a uma metodologia mista, o artigo procura identificar estas diferenças e avaliar o potencial do telemóvel como ferramenta da inclusão digital para as mulheres.

Palavras-Chave

Telemóvel; Género; Inclusão e Participação Digital.

Introdução

O presente artigo tem por base o trabalho desenvolvido no *Projecto Inclusão e Participação Digital*. Um dos objectivos deste projecto é fortalecer a inclusão, a literacia e a integração digital de grupos digitalmente excluídos, sendo as mulheres um desses grupos, juntamente com os idosos, imigrantes, minorias étnicas e linguísticas. Relativamente a estes grupos, o trabalho de investigação centrou-se na procura do conhecimento das condições e tendências de acesso e de apropriação e na identificação do modo como os variados contextos podem afectar a inclusão e participação digital, tendo sido dado particular relevo à família como contexto sócio-cultural e ao telemóvel como ferramenta de inclusão digital.

Em termos conceptuais, o trabalho situa-se da perspectiva do tecnofeminismo que nos permite levar em consideração a agência feminina e oferecer uma explicação mais complexa do processo de construção de género. Uma explicação onde a “tecnologia pode trazer-nos conhecimento sobre a identidade de género e esta pode ajudar-nos a compreender melhor a tecnologia” (Cockburn, 1992). Queremos ir além das leituras lineares e incorporar complexidade neste processo. Judy Wacman definiu assim este desafio:

A literatura sobre género e tecnologia tornou-se um campo vasto e diverso. Esta revela a necessidade de investigar as formas através das quais as identidades, necessidades e prioridades das mulheres são reconfiguradas em conjunto com as tecnologias digitais. Abrem-se assim novas oportunidades para estudos sobre como diferentes grupos de mulheres respondem de forma criativa e assimilam diversas tecnologias em múltiplos locais.

(Wajcman, 2007: 295)

Uma das principais motivações para escrever sobre esta relação entre as mulheres e o telemóvel foi a observação empírica da forma como as mulheres se sentem confortáveis com este objecto. Jovens ou mais velhas, todas trazem um telemóvel nas suas malas e usam-o como um objecto mundano. A esta observação seguiu-se a evidência estatística de que as mulheres, ao contrário do que aconteceu com outras tecnologias, estão a adoptar os telemóveis ao mesmo ritmo que os homens (Ganito, 2007). Mas esta aparente igualdade deve ser questionada (Ganito, 2008).

De facto muita da investigação sobre género e o telemóvel tem sido conduzida em termos comparativos, homens *versus* mulheres (Fortunati, 2009). Neste tipo de trabalho acabámos por não encontrar diferenças significativas entre os dois sexos e não são oferecidas explicações para essa falta de diferença. Por isso, esta investigação não se centra nas diferenças entre homens e mulheres mas antes nas experiências específicas e concretas das mulheres, deixando espaço para que se identifiquem contradições e diferentes significados para os diversos grupos de mulheres. Não se irá falar, portanto, de diferenças entre homens e mulheres mas sim dos diferentes significados do telemóvel e da sua trajectória nas vidas das mulheres. O foco nas diferenças entre homens e mulheres apenas reforçaria uma visão essencialista do género que tem sido articulada em torno de políticas de poder baseadas no facto de que “[...] em virtualmente todas as culturas tudo o que é definido como masculino é mais valorizado do que aquilo que é considerado feminino” (Harding, 1986). As mulheres não devem ser tratadas como um grupo homogéneo mas essa abordagem está encapsulada na análise binária que é comum no campo. O género deve ser articulado para além da diferença sexual e antes como um constructo social. Assim, este artigo assenta nos debates feministas mais recentes que identificam a representação cultural e o discurso como veículos importantes do sistema de género. O objectivo é compreender a relação entre género e tecnologia, com um foco no telemóvel como um sistema complexo de relações e gratificações.

A pertinência deste esforço de compreensão das diferenças na natureza da relação das mulheres com o telemóvel repousa no potencial do telemóvel para contribuir para a inclusão digital das mulheres e não o usar no seu potencial máximo pode significar ser deixada nas margens da revolução móvel. As taxas de penetração dos telemóveis que apresentam igualdade na adopção escondem outros fenómenos que inibem uma inclusão plena das mulheres, de que é exemplo a baixa taxa de posse de *smartphones* e um uso mais diversificado de serviços e funcionalidades por parte dos homens e que inclui a internet. Sem uma inclusão plena, as mulheres enfrentam a persistência do fosso num processo

semelhante ao que Manuel Castells descreve relativamente à internet. O autor chamou a atenção para o acesso por si só não resolver o problema do fosso digital e que deveríamos levar em linha de conta o acesso diferenciado: “A centralidade da internet em tantas áreas da actividade social, económica e política conduz à marginalidade daqueles sem acesso ou com limitações nesse acesso, bem como daqueles que são incapazes de a usar de forma efectiva” (Castells, 2001). Podemos facilmente argumentar que o telemóvel goza de uma centralidade similar no actual sistema sócio-técnico e que a ausência de um uso proficiente do telemóvel pode conduzir as mulheres a um alargamento do fosso digital.

Embora o telemóvel seja hoje um dos principais meios de comunicação, pouco tem sido discutido do ponto de vista do género e ainda menos de uma perspectiva feminista. Ora, “para o feminismo a investigação sobre tecnologia não serve apenas para acrescentar conhecimento académico, é também um projecto emancipatório. Uma das questões que coloca em todas as abordagens teóricas e metodológicas é de que forma contribui para a libertação feminina” (Grint & Gill, 1995).

Metodologia

Usou-se uma metodologia mista (Tashakkori & Teddlie, 1998), combinando elementos tanto de uma abordagem quantitativa como de qualitativa. No entanto, a abordagem qualitativa é dominante dado que a investigação prévia tinha já tornado claro que quantificar tendências globais de uso do telemóvel dá-nos uma visão muito reduzida da biografia do telemóvel na trajectória de vida das mulheres, bem como dos impactos sociais e factores culturais, institucionais e económicos que conduziram a essa trajectória. Fez-se uma opção clara por um *design* de método dominante em que o “investigador conduz o estudo num paradigma dominante com uma pequena componente com um desenho alternativo” (Cresswell, 1995).

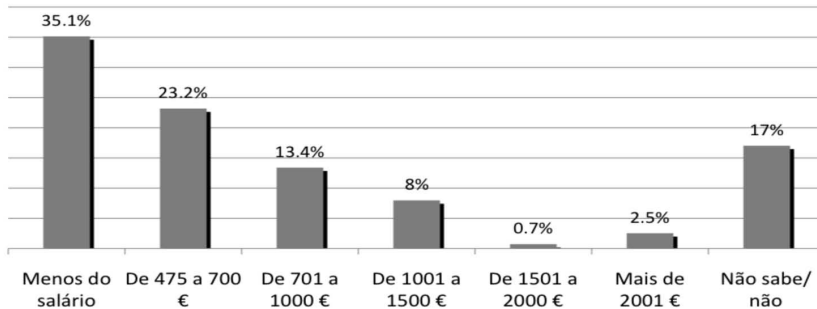
Dados Quantitativos

Do corpus quantitativo do projecto, composto por 912 inquéritos realizados em espaços públicos de acesso à internet e em Centros de Emprego e Formação Profissional, seleccionamos as respostas de 441 mulheres¹. O facto de a distribuição entre sexos não ser representativa da população portuguesa poderá estar relacionado com os locais escolhidos para a aplicação do questionário. Este mesmo factor pesa na caracterização da amostra feminina.

1 Ver outros resultados deste inquérito no artigo de José Azevedo e Maria João Seixas, neste número da revista.

Das mulheres inquiridas, uma percentagem significativa (37,7%) estava desempregada ou era estudante (23,6%). Dados os locais de realização do inquérito apenas 16,6% das inquiridas exercia uma profissão a tempo inteiro. Estamos também perante uma população desfavorecida, com 58,3% das inquiridas a apresentar rendimentos baixos (Figura 1).

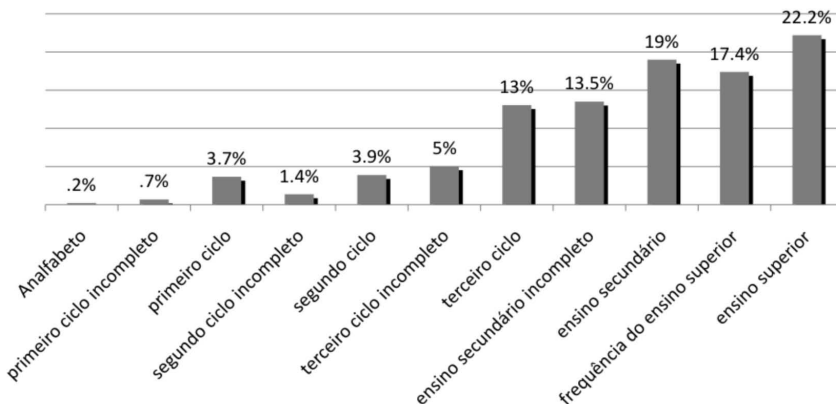
FIGURA 1. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA DE ACORDO COM O VALOR DO RENDIMENTOS MENSAL (LÍQUIDO)



Fonte: *Projecto Inclusão e Participação Digital*; Ganito, 2011

Embora os níveis educativos não sejam baixos, dado que 22% das inquiridas tinham o ensino superior (Figura 2), confirma-se uma origem social em classes mais desfavorecidas face aos níveis baixos de escolaridade dos pais (Figuras 3 e 4): entre as inquiridas, 41,3% indicaram o primeiro ciclo como sendo o nível educativo da sua mãe e 39,1% indicaram-no também para o seu pai.

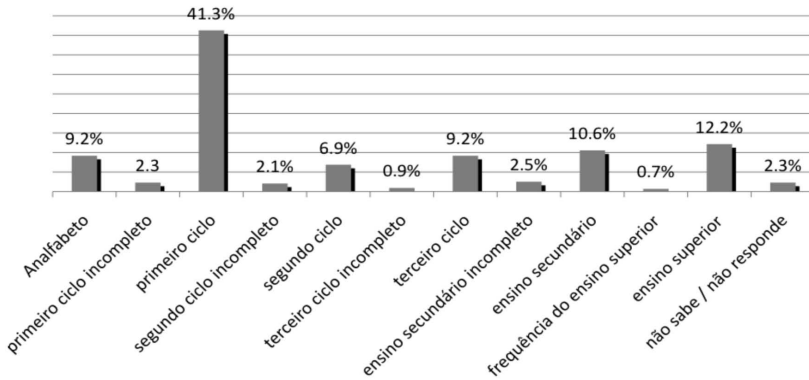
FIGURA 2. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA DE ACORDO COM O NÍVEL EDUCATIVO



Fonte: *Projecto Inclusão e Participação Digital*; Ganito, 2011

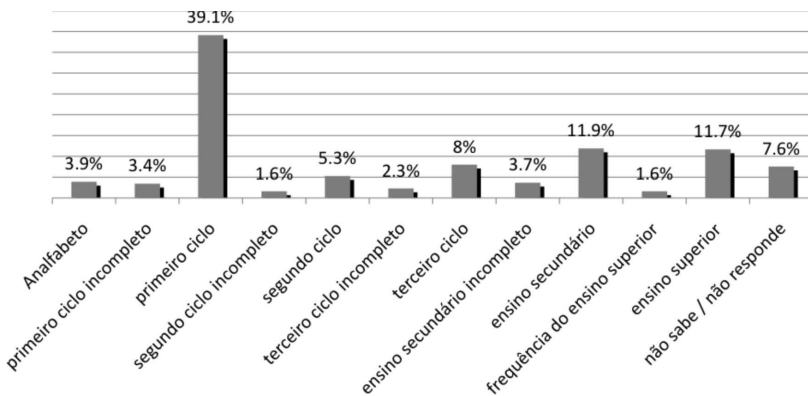
MECANISMOS DE CONSTRUÇÃO DE GÉNERO NA INCLUSÃO
E PARTICIPAÇÃO DIGITAL: O CASO DO TELEMÓVEL

FIGURA 3. NÍVEL EDUCATIVO DA MÃE



Fonte: *Projecto Inclusão e Participação Digital*; Ganito, 2011

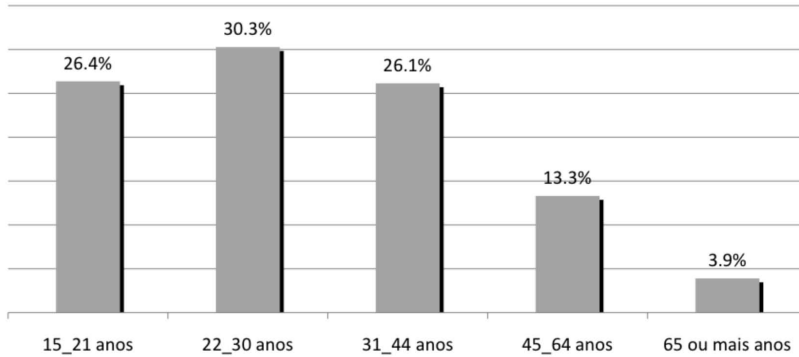
FIGURA 4. NÍVEL EDUCATIVO DO PAI



Fonte: *Projecto Inclusão e Participação Digital*; Ganito, 2011

A amostra é também dominada por uma população mais jovem, com 56,7% a situar-se abaixo dos 30 anos (Figura 5).

FIGURA 5. CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA DE ACORDO COM A IDADE



Fonte: *Projecto Inclusão e Participação Digital*; Ganito, 2011

Dados Qualitativos

Do corpus qualitativo do Projecto composto por 130 entrevistas semi-estruturadas a 65 pares familiares², realizadas de forma presencial nas regiões de Lisboa, Porto e Coimbra, seleccionamos uma amostra de 82 mulheres. A decisão por isolar uma amostra exclusivamente feminina prende-se com a opção de oferecer uma visão centrada nas mulheres, na sua experiência e na sua voz. Optou-se por entrevistas semi-estruturadas por permitirem uma navegação das perguntas que melhor beneficiasse o evoluir da conversação e também explorar comentários interessantes e dar-lhes seguimento dado que o nosso interesse era o de analisar “pensamentos e sentimentos que não são na maioria das vezes articulados como opiniões estáveis ou preferências” (Turkle, 1984) e estes não podem ser capturados por métodos mais directivos.

Como estratégia analítica usou-se a análise de “tipos ideais”. Max Weber usou a noção de “tipos ideais” em associação com a construção de casos puros que pudessem ilustrar uma categoria conceptual. Assim, no âmbito do trabalho de Max Weber, os tipos ideais eram ficções, mas nesta investigação, e seguindo a estratégia usada por Turkle para estudar as culturas do computador (Turkle, 1984), isolou-se casos reais que servem a mesma função: ilustrar e realçar aspectos particulares dos mecanismos de criação de género no uso do telemóvel.

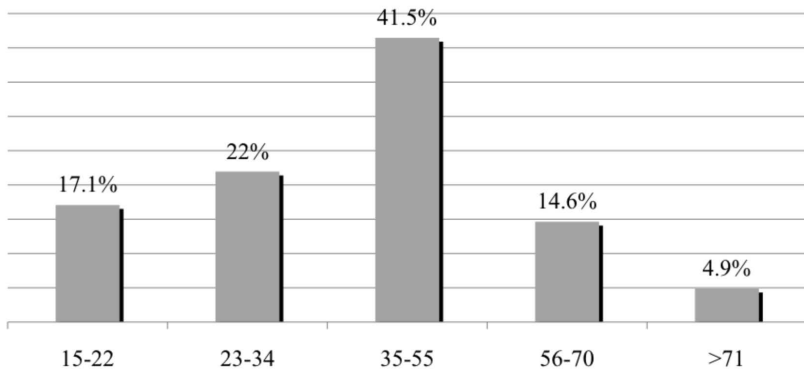
² Em cada família foram entrevistados dois membros de gerações diferentes de forma a estudar o impacto de percursos de vida diferenciados e o efeito geracional.

No tratamento das entrevistas aplicou-se o método de Marc-Henry Soulet³ (2002) seguindo a proposta metodológica de uma abordagem interactivista à investigação qualitativa de Joseph Maxwell (1999). Este método está estruturado em dois níveis de análise. No primeiro nível, de interpretação local, cada entrevista é analisada individualmente e pretende-se perceber como é que cada história de vida nos ajuda a responder às questões da investigação. Neste nível, o investigador começa por escrever uma sinopse que é a síntese do discurso. É o primeiro nível de abstracção e conceptualização. O passo seguinte é escrever a história interna da entrevista da qual resulta uma leitura cronológica do ponto de vista da entrevistada e da sua relação com o problema que está a ser analisado. Para completar este nível, o investigador redige a mensagem que podemos definir como o principal do que as entrevistadas nos quiseram dizer. Estes três passos são aplicados em todas as entrevistas individuais, indo depois o investigador para o segundo nível – o de uma interpretação global das histórias individuais, dos tipos ideais e depois das histórias como um todo. Para realizar esta análise e tal como Monteiro (2005), não se esperou que as categorias emergissem da análise, antes esta foi já enformada por várias categorias orientadas para as questões de inclusão e participação.

Caracterização das Entrevistadas

A grande maioria das mulheres entrevistadas encontra-se em idade activa (Figura 6), tendo a entrevistada mais velha noventa anos.

FIGURA 6. DISTRIBUIÇÃO ETÁRIA DAS MULHERES ENTREVISTADAS

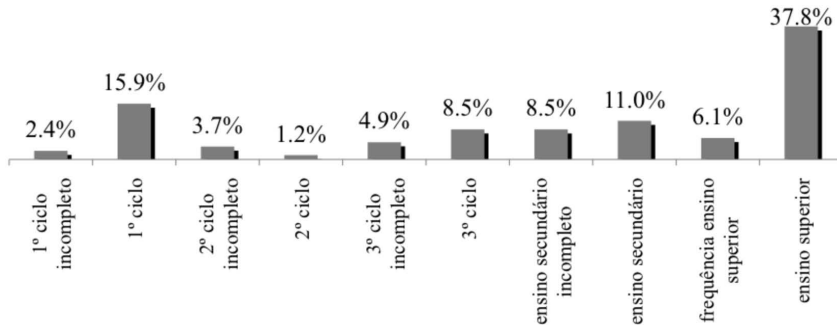


Fonte: *Projecto Inclusão e Participação Digital*; Ganito, 2011

3 Este método foi apresentado no âmbito do programa doutoral em Ciências da Comunicação da Universidade Católica pela mestre Verónica Policarpo no seguimento da apresentação feita por Marc-Henry Soulet no seminário: "La modélisation, la stratégie d'enquête et le traitement des données dans l'analyse comprehensive". Este método foi também utilizado na pesquisa de doutoramento de Teresa Libano Monteiro: (2005) *Famílias e Novos Movimentos Religiosos: Trajectória Familiar, Individualização e Identidade Espiritual*. PhD em Sociologia, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

Em termos de ocupação, a maioria está ligada a serviços indiferenciados, 18% são estudantes, 24,3% são trabalhadoras qualificadas e 23,4% são inativas (reformadas, desempregadas ou domésticas). Quanto ao nível educativo, um número significativo das mulheres entrevistadas têm educação superior: 37,8% (Figura 7).

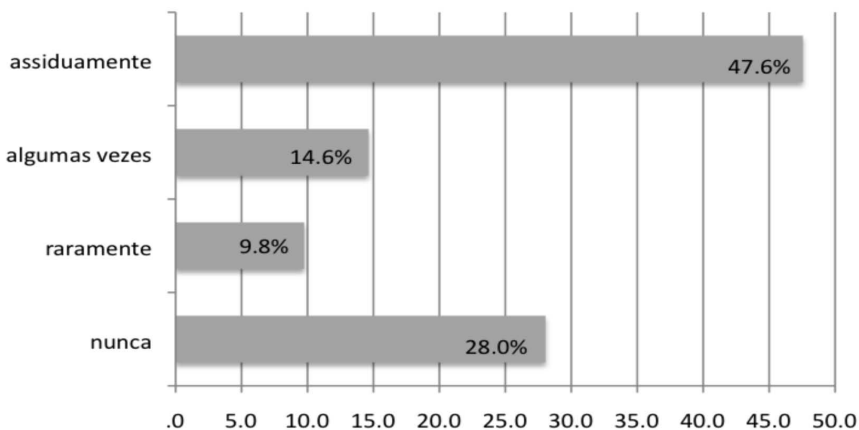
FIGURA 7. NÍVEL EDUCATIVO DAS MULHERES ENTREVISTADAS



Fonte: *Projecto Inclusão e Participação Digital*; Ganito, 2011

No que diz respeito à sua distribuição entre utilizadoras e não utilizadoras da internet, 28% afirmam nunca utilizar e 47,6% afirmam usar regularmente (Figura 8). Das que usam, 54,9% fazem uma utilização diversificada.

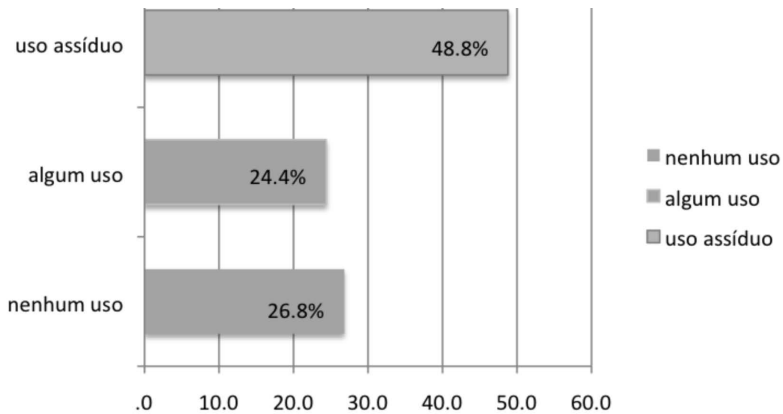
FIGURA 8. NÍVEL DE UTILIZAÇÃO DA INTERNET ENTRE AS MULHERES ENTREVISTADAS



Fonte: *Projecto Inclusão e Participação Digital*; Ganito, 2011

A percentagem de não utilizadoras da internet apresenta uma quase total correspondência às não utilizadoras de computadores com 26,8% das entrevistadas a afirmar que não usam computador e 48,8% indicando um uso assíduo (Figura 9).

FIGURA 9. NÍVEL DE UTILIZAÇÃO DO COMPUTADOR
ENTRE AS MULHERES ENTREVISTADAS



Fonte: *Projecto Inclusão e Participação Digital*; Ganito, 2011

No que diz respeito aos perfis de utilização, as mulheres entrevistadas apresentam padrões expectáveis de comportamento no que toca à sua inclusão e participação digital, com uma clivagem entre as mulheres mais velhas com níveis de escolaridade baixos a apresentar pouca ou nenhuma inclusão digital e as mulheres mais novas e com níveis educativos mais elevados a apresentar práticas digitais diversificadas e regulares.

A análise de dados qualitativos apresentada neste artigo centra-se nos seus usos e práticas relativos ao telemóvel e o posicionamento deste relativamente aos outros *media*, pretendendo-se perceber o seu potencial papel na integração digital das mulheres.

Inclusão e Participação Digital no Feminino

Portugal esteve submetido a um regime ditatorial que terminou no 25 de Abril de 1974 com uma revolução política que possibilitou a abertura do país à democracia política e, mais tarde, à economia de mercado global. Esta transição, ainda relativamente recente, foi marcada por importantes mudanças sociais e culturais que tiveram um profundo impacto na vidas das mulheres portuguesas. De acordo com Gustavo Cardoso, Portugal está ainda em transição para uma sociedade em rede (Cardoso, 2008). Uma transição marcada pelo aumento dos níveis de educação, participação cívica e adopção de tecnologias.

No entanto, a designação de população portuguesa não leva em linha de conta as ques-

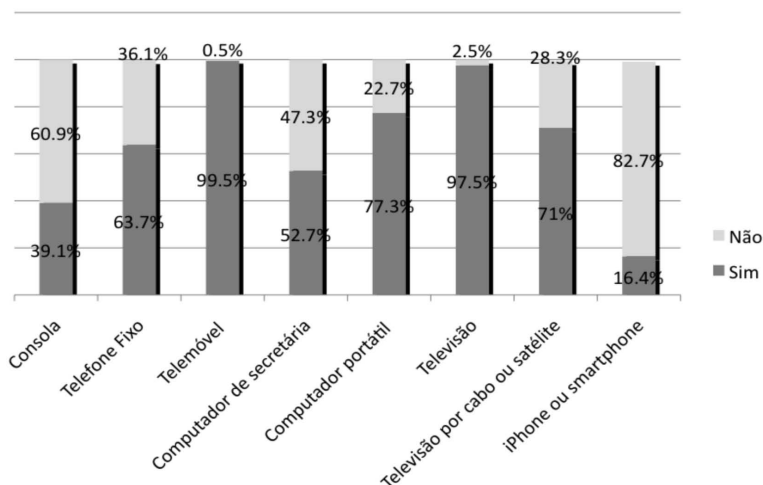
tões de género. Para Ana Vicente, as mulheres “vivem a sua vida diária sem questionar a construção social de género ou questões de igualdade. Apenas um pequeno número está envolvido numa construção consciente da igualdade de direitos” (Vicente, 1998). A igualdade é aceite mas não é traduzida nas práticas do dia-a-dia. De facto, no balanço entre a vida familiar e o trabalho, Portugal apresenta-se como um caso particular no âmbito dos países da União Europeia. Se, por um lado, é um país que não é capaz de providenciar um nível satisfatório de serviços de suporte familiar, como escolas e protecção na maternidade, por outro lado é o país onde as mulheres mais trabalham a tempo inteiro, mesmo depois da maternidade.

Apesar de Portugal poder ser considerado um caso exemplar na adopção de boas práticas no que diz respeito à protecção jurídica dos direitos das mulheres, a discriminação de género é insidiosa. As normas existem mas a sua aplicação nem sempre é efectiva. Existem forças de bloqueio invisíveis que impedem as mulheres de prosseguir as suas carreiras ou que as constroem na sua liberdade de escolha. Escolhas ou estilos de vida idênticos a homens e mulheres têm leituras sociais diferentes e condicionais ao sexo de quem as toma, de que são apenas exemplo o divórcio, uma vida social intensa ou a decisão de não casar ou ter filhos. Este desfasamento entre a norma escrita e a realidade também se traduz em indicadores visíveis como a diferença de ordenados, a elevada precariedade do emprego feminino e a baixa representação na alta administração ou em cargos de gestão de topo.

A família é uma fonte de poder simbólico para as mulheres mas também se apresenta como um dos principais obstáculos ao desenvolvimento de oportunidade de carreira. Sem o fardo de ter de tomar conta das crianças, dos mais velhos e das tarefas domésticas, os homens têm mais liberdade para gerir o seu tempo e o seu espaço e para aceitar trabalhos mais longe de casa ou passar o tempo livre com amigos ou colegas do trabalho. Apesar desta observação, o nível elevado de emprego das mulheres enquadra de forma muito diferente, como relação a outros espaços geográficos, a articulação entre mulheres e tecnologia.

Se o estereótipo é que as mulheres não se interessam ou não são competentes no que diz respeito à tecnologia, este trabalho procura apresentar o telemóvel como um exemplo da fragilidade desses estereótipos. Os dados do inquérito quantitativo apontam o telemóvel como sendo o meio mais ubíquo entre as mulheres inquiridas (99,5%), ultrapassado a televisão e o telefone fixo (Figura 10).

FIGURA 10. ACESSO A TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO



Fonte: *Projecto Inclusão e Participação Digital*, Ganito, 2011

Mesmo o acesso a *iPhones* ou *smartphones* regista já um número interessante de utilizadoras, 16,4%. A portabilidade e mobilidade são também valorizadas nos computadores, com 77,3% das mulheres a responder que têm um computador portátil, um valor superior ao computador de secretária (52,7%). O facto de serem tecnologias pessoais ou de poderem ser usadas longe dos olhares familiares permite às mulheres um reforço da intimidade tecnológica, libertada assim dos constrangimentos sociais do estereótipo da incompetência tecnológica feminina. As mulheres revelam, de facto, grande autonomia quando 54,1% afirmam que aprenderam a usar a internet sozinhas. Esta curiosidade e interesse pela exploração foram também expressos nas entrevistas:

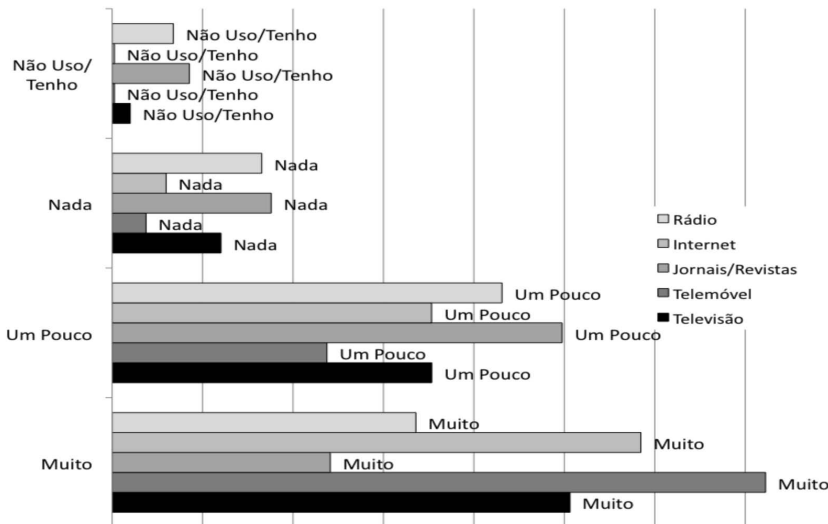
Este [telemóvel] é novo. Mas parece que já é assim um mini-computador. Ora bem, eu já uso as mensagens, a agenda e o calendário. Ah, e o rádio, a câmara de vídeo. Já aqui há qualquer coisa. Fotografia. Internet, não. Aqui também tem, mas não utilizo. Cada dia encontramos uma diferença. Gosto de descobrir, com muito medo, mas gosto. Quando tenho dúvidas, pergunto. Eu tinha medo do rato do computador...

(45 anos, 3º ciclo, cuida de idosos)

Fica também patente que, ao contrário de outras tecnologias como o computador ou a consola onde existe ainda uma taxa de não utilização significativa, o telemóvel goza de uma elevada aceitação entre as mulheres, podendo assim servir de porta de entrada para outros usos como a Internet, *e-mail* e jogos.

O telemóvel é também para as mulheres inquiridas o meio mais difícil de abandonar (Figura 11). Das mulheres inquiridas, 72,5% afirmaram que seria muito difícil deixar de ter telemóvel, muito acima da internet (58,5%) que também já suplanta a televisão, o meio que até há bem pouco anos era o mais ubíquo e desejado entre os portugueses.

FIGURA 11. ATÉ QUE PONTO SERIA DIFÍCIL DEIXAR DE TER...



Fonte: *Projecto Inclusão e Participação Digital*; Ganito, 2011

Esta dependência é bem ilustrada na voz de uma das mulheres entrevistadas: *Eu até já ando com o carregador, porque eu já não consigo viver sem ele* (35 anos, ensino secundário, escriturária).

A voz das mulheres

Este trabalho procurou ir para além da homogeneidade dos números e apresentar na primeira pessoa histórias de mulheres que ilustrassem a multiplicidade de facetas da sua relação emergente com o telemóvel e a forma como as suas histórias de vida se cruzam com usos específicos. O objectivo é também fornecer um entendimento contextualizado do telemóvel e da subtilidade das práticas sociais de construção de género.

Apesar de serem o segmento com os níveis mais baixos de educação formal e de competência técnica, as mulheres revelam um enorme interesse nos usos digitais e incentivam

esses mesmos usos nas gerações mais novas. Embora nem sempre dominem ou compreendam a evolução tecnológica reconhecem o seu papel como motor de desenvolvimento e inclusão e procuram manter o acesso a essas tecnologias no seio familiar, de que é exemplo uma das entrevistadas que, apesar de ter um uso raro da internet ou do computador, reconhece a sua importância e procura dar o exemplo no seio familiar:

Eu confesso que o que eu tenho não é dificuldade, é falta de tempo. Quando vejo que está sendo uma coisa muito moderna, eu corro atrás para não ficar no tempo porque você acaba parando no tempo. Eu acho que hoje em dias as pessoas não podem parar no tempo. Saiu uma coisa nova, ela tem mesmo que buscar aquilo e tentar mexer porque você só aprende mexendo. E os filhos não têm paciência de ensinar aos pais. Então, assim, a gente pega e de vez em quando a gente vai e vê “como é que funciona isso?”

(42 anos, escolaridade básica, esteticista)

O tempo é um dos melhores exemplos de como as mulheres avançaram tanto mas simultaneamente estão ainda tão paradas. As mulheres vivem “na via rápida” (Wajcman e outros, 2008) e os relatos das rotinas diárias das mulheres entrevistadas expressam as dificuldades de gerir prioridades que entram em permanente conflito. O tempo das mulheres não lhes pertence, é antes ditado pelos ritmos e necessidades dos outros, vivendo assim em permanente crise temporal. Neste âmbito o telemóvel poderia ser visto como uma ferramenta de aceleração, de aumento de pressão, mas as mulheres revelaram uma enorme capacidade de agência no seu uso dos telemóveis:

Muitas vezes eu acho que o SMS é bom porque não é invasivo, você pode mandar uma mensagem para uma pessoa, dar uma ideia e não sei o quê, sem estar incomodando a pessoa. Muitas vezes eu estou trabalhando e odeio estar todo mundo tocando, tocando, tocando. Eu acho bom você perguntar “posso te ligar?”, entendeu? Ou deixar um recado, “vou chegar tal hora”, uma coisa que não precisa ligar para falar, e eu vejo quando eu posso. Eu acho isso bom, eu gosto disso. Eu acho que até é educado. Mas também não gosto de tratar de coisas pessoais por SMS, isso eu já não acho educado. Quando você não tem coragem de falar com uma pessoa você usa. Eu acho que todos os meios têm que ser usados com deve, não usar de maneira errada e utilizar para outras coisas”.

(47 anos, ensino superior, jornalista)

O telemóvel entrou muitas vezes na família pelas mãos das mulheres ou com base nas suas necessidades e motivações. Para uma das entrevistadas mais velhas, a motivação veio da necessidade de controlar a filha: *A primeira pessoa a ter um telemóvel foi a minha filha. E eu comecei a ter o telemóvel para a controlar* (60 anos, 3º ciclo, escriturária). Já para a nossa entrevistada jornalista, cujo trabalho a levava a estar constantemente em movimento, a necessidade surgiu com a maternidade:

Em 1990. Eu tive um tijolo e custava uma fortuna. Quando o meu filho nasceu a minha mãe falou, "você está sempre na rua e é bom você ter"..., ela me deu também pensando no neto... "é bom você estar conectada com o teu filho, com a babysitter", como eu não tinha família tinha que depender muito de babysitter. Eu lembro que o pessoal me olhava feio porque tocava o telefone e todo mundo, tipo, "o que é isso?" Pouca gente tinha porque era muito caro, nem todos os lugares tinham rede, era uma coisa que realmente estava começando.

(47 anos, jornalista, ensino superior, utilizadora assídua da internet)

Os telemóveis são particularmente importantes para as mulheres mais velhas porque, comparativamente com outras tecnologias digitais como o computador, apresentam menores barreiras de acesso e exigem menos competências tecnológicas. Acima de tudo, apresentam uma percepção imediata de valor acrescentado com um impacto real e imediato nas suas vidas: falar com amigos e família, sentirem-se seguras, prolongar a sua autonomia. Mesmo a nossa entrevistada mais velha, com 90 anos, tem telemóvel embora o seu uso seja muito restrito. Nestes casos, são geralmente os filhos ou familiares que oferecem os telemóveis como forma de garantir a segurança e a comunicação directa. Para além da televisão, o telemóvel é para a maioria destas mulheres mais velhas o único meio tecnológico nas suas vidas.

Os usos entre as mais jovens são muito mais diversificados e centrados em dimensões para além da voz. Com menores constrangimentos de tempo, as mais jovens usam o telemóvel como fonte de entretenimento e de construção da sua rede social: *Ouvir música, tirar fotografias, mandar mensagens... chamadas não tanto, mais prós pais, mas principalmente ouvir música e mandar mensagens* (15 anos, estudante). Já para as mulheres mais velhas o valor do telemóvel centra-se nas suas funções básicas que lhes permitem o contacto com os outros e uma melhor gestão do seu dia-a-dia:

Sei que faz imensas coisas que eu não utilizo, estou a ficar velhinha e nunca utilizei. Sei que dá para gravar mp3, que tira foto, dá para filmar, essas coisas, essencialmente dá para telefonar.

(42 anos, ensino secundário, secretária)

Sei que sou como uma pessoa qualquer que não tenha estudos; é assim: a pessoa não sabe mexer com certas coisas. Como por exemplo com computadores... com internet... É assim: uso o telemóvel para atender e desligar e ligar ao meu marido e o meu filho mas não sei mandar mensagens...

(47 anos, 4ª classe, empregada doméstica)

Dada a sua ubiquidade no seio familiar, o telemóvel acaba por ser uma ferramenta de comunicação inter-geracional, servindo de ponte entre as diferentes competências tecnológicas no seio da família:

Através do telemóvel, principalmente para a família porque a minha mãe e os meus avós não mexem em computadores muito frequentemente. Com os amigos é mais através de e-mail, mensagens instantâneas e por SMS.

(23 anos, estudante universitária)

Conclusões

Uma das principais conclusões deste trabalho é o reconhecimento do telemóvel pelas mulheres como um instrumento de poder, que lhes proporciona segurança e lhes permite liberdade de movimentos. O telemóvel é uma fonte de segurança, autonomia e conforto emocional. Desta forma, a porta de entrada do telemóvel na vida das mulheres faz-se exactamente pela percepção do seu valor acrescentado para a sua segurança ou para a segurança dos seus filhos. A importância do telemóvel aumenta particularmente para as mulheres que não sabem usar um computador ou que não têm acesso facilitado. Para as mulheres que têm uma rotina estável, acesso constante à internet ou que trabalham num único local, a dependência do telemóvel é menor, o que revela que o valor acrescentado desta tecnologia assenta na flexibilidade que permite na gestão de vidas complexas e multifacetadas como são as vidas das mulheres entrevistadas. As trajectórias de vida destas mulheres são muito marcadas por constrangimentos de género ainda que não sejam, na sua maioria, reconhecidos como tal. Esses constrangimentos traduzem-se em várias dimensões de exclusão que vão das limitações nas opções educativas, passando pelo acesso que têm à tecnologia, bem como nas complexas articulações da sua presença no tempo e no espaço. Neste sentido, o telemóvel permite a estas mulheres maior liberdade de movimentos e de gestão do seu tempo.

As experiências das mulheres variam de acordo com a etapa de vida em que se encontram e com as suas diferentes necessidades mas em comum têm a forma como incorporaram o telemóvel como ferramenta de gestão das suas interações com família e amigos e para a micro-coordenação das suas vidas diárias. O telemóvel, em vez de adicionar maior pressão, permite às mulheres coordenarem melhor as suas vidas e reduzirem a ansiedade do imprevisível por poder estar sempre disponível e sob controlo.

À medida que o telemóvel se tem vindo a constituir como uma ferramenta ubíqua, torna-se especialmente interessante estudar a relação das mulheres mais velhas com esta tecnologia. O telemóvel encerra em si um enorme potencial para melhorar a vida deste segmento da população feminina. As entrevistadas demonstraram práticas diversificadas e um elevado interesse por aprenderem mais e adquirirem mais competências que não estão acessíveis no seu círculo relacional.

A nossa questão foi essencialmente perceber se o telemóvel poderia contribuir, pela sua natureza de tecnologia pessoal e por apresentar menores barreiras financeiras e tecnológicas, para uma maior intimidade tecnológica na população feminina. A investigação revelou que o telemóvel é já parte intrínseca da vida das mulheres. No entanto, para que esta relação se traduza numa prática contínua de inclusão e incentivo à participação, é necessário que os conteúdos e serviços oferecidos na plataforma móvel possam ultrapassar o discurso hegemónico da dominação masculina das tecnologias. A posse do objecto [telemóvel] muitas vezes não se traduz numa verdadeira participação e sentimento de

inclusão. Com a transformação do telemóvel numa plataforma convergente de acesso e partilha de informação, estamos perante uma oportunidade única de mudança do estereótipo de incompetência tecnológica das mulheres. Mas para que esta mudança ocorra é preciso muito mais do que um telemóvel cor-de-rosa.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, G. (2008). Portugal in Transition to the Network Society. A Generational Divide through the Lenses of the Internet. *OBS*, 6, 1-24.
- CASTELLS, M. (2001). *The Internet Galaxy: Reflections on the Internet, Business and Society*, Oxford e Nova Iorque, Oxford University Press.
- COCKBURN, C. (1992). The Circuit of Technology: Gender, Identity and Power. In: Silverstone, R. & Hirsch, E. (eds.) *Consuming Technologies: Media and Information in Domestic Spaces*. Londres e Nova Iorque: Sage.
- CRESSWELL, J. W. (1995). *Research Design: Qualitative and Quantitative Approaches*, Thousand Oaks, CA, Sage.
- FORTUNATI, L. (2009). Gender and the Mobile Phone. In: Goggin, G. & Hjorth, L. (eds.) *Mobile Technologies. From Telecommunications to Media*. Nova Iorque: Routledge.
- GANITO, C. (2007). As Mulheres E Os Telemóveis: Uma Relação Por Explorar. *Comunicação&Cultura*, 3, 41-58.
- GANITO, C. 2008. Moving Acts: Transforming Gender. In: Working Group for Phenomenology, O. A. T. P. (ed.) *6th International Workshop on Phenomenology, Organisation and Technology* University of Oxford, Oxford Internet Institute, United Kingdom
- GRINT, K. & Gill, R. (eds.) (1995). *The Gender-Technology Relation. Contemporary Theory and Research*, Londres e Bristol: Taylor & Francis.
- HARDING, S. (1986). *The Science Question in Feminism*, Ithaca, Cornell University Press.
- HELSPER, E. J. (2010). Gendered Internet Use across Generations and Life Stages. *Communication Research*, 37, 352-374.
- MAXWELL, J. A. (1999). *La Modélisation De La Recherche Qualitative: Une Approche Interactive*, Paris, Editions Universitaires.
- MONTEIRO, T. M. R. L. 2005. *Famílias E Novos Movimentos Religiosos: Trajectória Familiar, Individualização E Identidade Espiritual*. PhD in Sociology, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- SOULET, M.-H. (2002). *Gérer Sa Consommation. Drogues Dures Et Enjeu De Conventionalité*, Fribourg, Éditions Universitaires Fribourg Suisse.
- TASHAKKORI, A. & Teddlie, C. (1998). *Mixed Methodology: Combining Qualitative and Quantitative Approaches*, Thousand Oaks, Londres, New Delhi, Sage.
- TURKLE, S. (1984). *The Second Self: Computers and the Human Spirit*, Londres, Granada.
- VICENTE, A. (1998). *As Mulheres Em Portugal Na Transição Do Milénio. Valores, Vivências, Poderes Nas Relações Sociais Entre Os Dois Sexos*, Lisboa, Multinova.
- WAJCMAN, J. (2007). From Women and Technology to Gendered Technoscience. *Information, Communication & Society*, 10, 287-298.
- WAJCMAN, J., Bittman, M. & Brown, J. (2008). Intimate Connections: The Impact of the Mobile Phone on Work/Life Boundaries. In: Goggin, G. & Hjorth, L. (eds.) *Mobile Technologies: From Telecommunications to Media*. Nova Iorque e Londres: Routledge.